

Chase põe Brasil na 'lista negra'

O Chase é o 8º banco a incluir o Brasil entre os maus pagadores, com uma perda de US\$ 31 milhões em 3 meses, que poderá chegar a US\$ 125 milhões até o final do ano

MOISÉS RABINOVICI

Nosso Correspondente

WASHINGTON — Dois bilhões e 300 milhões de dólares do empréstimo do Chase Manhattan Bank do Brasil deixaram de render juros de 31 milhões de dólares nos últimos três meses, e foram reclassificados, no final da tarde de ontem, com o status de non-accrual, ou como um crédito duvidoso em que os lucros só serão contabilizados se recebidos em moeda corrente.

O Chase Manhattan, o oitavo banco norte-americano a passar o Brasil para a lista negra

dos maus pagadores, desde 1º de abril, poderá ter um prejuízo estimado em cerca de US\$ 125 milhões até o final do ano.

O Citibank será o nono? O Estado e o JT consultaram ontem o porta-voz oficial do banco, em Nova York, que respondeu: "Não temos nenhuma decisão, ainda".

O Citicorp, pai do Citibank, foi o primeiro a anunciar oficialmente, em comunicado à Comissão de Controle Bancário do governo dos Estados

Os 8 maiores credores

Valores em US\$ milhões

Banco	Crédito ao Brasil	Prejuízo previsto(*)
Citicorp	4.600	(a)
Chase Manhattan	2.800	125(E)
Bank of America	2.723	100
Manufactures Hanover	2.200	72
J.P. Morgan	1.900	72
Chemical	1.425	51
Bankers Trust	876	(a)
First Chicago	789	14

(*) Prejuízo em 1987 caso o Brasil não pague juros

(a) Ainda não reclassificou os créditos ao Brasil

(E) Estimativa não oficial

Unidos, no dia 13 de fevereiro, que rebaixaria o status de sua conta para o Brasil, passando-a de performing loan para non-accrual, provocando muita tensão na Bolsa de Valores de Nova York: o total envolvido é de US\$ 4,6 bilhões e o prejuízo estimado, para o trimestre, de US\$ 50 milhões ou US\$ 190 milhões o ano todo.

"O que vale ainda é o nosso comunicado de 13 de fevereiro" acrescentou o porta-voz.

"Vocês estão esperando o ministro Funaro chegar amanhã(hoje) para anunciar a decisão? Dar-lhe as boas vindas?"

O porta-voz riu, mas manteve-se em silêncio.

O ministro Funaro chega esta manhã a Nova York, onde passa o dia, apresentando seu novo plano econômico, e à noite, a Washington, onde participará das reuniões dos comitês de Desenvolvimento e de Assuntos do Fundo Monetário Internacional, o FMI.

BOLA-DE-NEVE

Tem nevado um pouco em Washington, mas nada que se compare com a crescente bola-de-neve que desabar sobre o ministro Funaro, rolando desde a proclamação da moratória em 20 de fevereiro. Os banqueiros norte-americanos estão furiosos com o Brasil. Foi assim que os enfrentou o presidente do Banco Central, Francisco Grós, em Miami, durante a reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento. A um deles, ontem, no Senado, perguntou-se: "Você emprestaria dinheiro a qualquer país do Terceiro Mundo?"

Só com garantias de que a velha dívida será paga.

Este banqueiro, Joel R. Wells Jr., presidente dos bancos Suntrust, de Atlanta, na Geórgia, ainda disse que "precisamos de um outro milagre" (o

milagre anterior seria, para ele, a reforma do sistema de Imposto de Renda nos Estados Unidos) para resolver a crítica situação da dívida internacional. Em seu depoimento para uma subcomissão do Comitê de Finanças do Senado, presidido pelo senador democrata Bill Bradley, ele concluiu: "Espero que os bancos não se transformem em principal tema da campanha presidencial de 1988. Não permitamos que isto aconteça".

Mais dinheiro para os países devedores?, perguntou-se também ao escritor Bernard D. Nossiter, autor de *The Global Struggle For More*, na Subcomissão da Dívida Internacional do Senado.

Imagine quanto um executivo do Citicorp ou do Chase Manhattan dura no cargo se os acionistas descobrirem que ele aprovou qualquer novo empréstimo para o Brasil ou México?" ele respondeu, acrescentando um velho ditado:

"Se eu devo mil a um banco, estou com problemas se eu devo um milhão, o banco está com problemas".

A solução para Nossiter será cobrar a dívida em prestações de 20% do que ganharem os devedores exportando seus produtos. "Num mundo de lento crescimento, os bancos

estão extraindo 40% do que seus clientes vendem no Exterior. Isto é insustentável."

Mais dinheiro para os países devedores?, também perguntou-se a um banqueiro na área de investimentos, Henry Breck, antigo sócio da Lehman Brothers, de Nova York, na Subcomissão da Dívida Internacional do Senado Americano. "Os banqueiros dos Estados Unidos não são estúpidos", ele disse num momento de seu depoimento. Noutro mostrou que o drama que representam países devedores e bancos credores (...) esta ferindo diretamente os cidadãos norte-americanos", explicando: "Não podemos vender nossos produtos a países em bancarrota".

Henry Breck foi ainda mais longe. Depois de contar que os bancos estão ansiando pelo dia em que conseguem extrair alguns dos seus empréstimos latino-americanos para canalizá-los ao mercado mundial, chamou a atenção geral. "Este é um problema nosso. Os prejuízos econômicos do terceiro Mundo vão nos ferir economicamente, politicamente, ambientalmente e talvez, até mesmo militarmente. Na minha opinião, este problema de comércio bancário é muito importante para ser deixado para os banqueiros". Ele pede o perdão para a dívida.